

A MULTIFUNCIONALIDADE DA PARTÍCULA *ALIÁS*: VALORES SEMÂNTICOS E SINTÁTICOS

Nice da Silva Ramos (UFF)

Orientador: Ivo da Costa do Rosário (UFF)

Mestranda

RESUMO: A proposta desta pesquisa é apresentar um estudo funcional da partícula *aliás*, observando os variados contextos de uso que viabilizam suas instanciações e os possíveis valores semânticos e sintáticos que essa partícula pode desempenhar. Para tanto, utilizaremos o aparato teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU). Segundo gramáticas e dicionários de autores consagrados, a partícula *aliás* é classificada conforme palavra denotadora de retificação e como advérbio. No decorrer da pesquisa, atestamos a flutuação categorial desse item, que também assume características de conjunção, conector reformulativo e operador argumentativo, além das categorias sintáticas já citadas. Utilizamos dados de língua escrita e falada do *corpus* Discurso e Gramática (D&G), a fim de observar os usos do *aliás* em textos menos monitorados, em situações reais de interação. Os textos disponíveis no *corpus* são: descrição de local, narrativa de experiência pessoal, narrativa recontada, relato de opinião, relato de procedimento e relato dos entrevistados. Esses textos recobrem uma série de sequências discursivas diferentes que, com o desenvolvimento da pesquisa, apontaram para os diversos usos mais especializados do *aliás*. *A priori*, os resultados apontam para a multifuncionalidade desse item no *corpus* pesquisado, não obstante à classificação canônica das obras de referência da Tradição gramatical.

PALAVRAS-CHAVE: *aliás*, funcionalismo, semântica, sintaxe.

Considerações iniciais

A força do discurso/fala-em-uso, nas diversas situações interacionais, molda as novas estruturas linguísticas, por meio de novas construções, novos significados, retomando, outras vezes, os velhos usos, adaptando a língua às necessidades comunicativas em níveis sintáticos, semânticos e discursivo-pragmáticos.

Segundo Cezario e Cunha (2013, p. 174), “se a função mais importante da língua é a contínua interação entre as pessoas, que se alternam como falantes e ouvintes,

essa função deve, de algum modo, condicionar a forma do código linguístico”. Assim, os estudiosos funcionalistas enfatizam a importância do uso de dados reais na análise linguística.

Em consonância com as palavras das autoras, esse artigo leva em conta o uso do *aliás*, na oralidade e na escrita, em situações reais de uso, observadas no *corpus* Discurso e Gramática (doravante D&G), descobrindo-lhe os significados de acordo com as situações entre os sujeitos interagentes que buscam depreender suas próprias realidades por meio do uso da língua.

A gramática tradicional dá um enfoque compartimentado e, portanto, limitado aos conceitos e classificações dos itens gramaticais. Em uma visão funcionalista, não há de se contemplar tal ideia, tendo em vista a multifuncionalidade desses itens, observada nas situações reais de interação.

A exemplo, grande parte das obras de caráter normativo classifica o *aliás* como palavra denotadora de retificação, enquadrando-o no rol das palavras que, a rigor, não estão incluídas entre os advérbios. Contudo, no dado (1), a seguir, podemos observar o equívoco a respeito dessa classificação:

(1) I: interessante? foi minha prima... que saiu com o namora/ com o marido da prima dela... ela diz que ela saiu... né? agora não sei... que sai com todo mundo... ela falou que saiu com ele e ele/ que... **aliás**... ela sair com ele não é nada... pior é agir na falsidade com a menina mesmo... que ela é muito colada com a garota... (Narrativa recontada, oral, D&G RJ 2, CA/supletivo)

No dado (1), observamos que o *aliás* não retifica o discurso. Nesse caso, sua classificação como operador argumentativo é mais assertiva, se admitirmos que, nessa instância de uso, o *aliás* adiciona um julgamento, um juízo de valor do informante sobre o fato a ser narrado.

Impõe-se, portanto, a necessidade de análises e descrições que ultrapassem o que tradicionalmente é feito. No âmbito da semântica e da sintaxe, é necessário ir além dos limites oracionais e dos próprios itens, considerando-se os componentes discursivo-pragmáticos: a língua em seu uso efetivo, entre sujeitos interagentes, desempenhando seu papel comunicativo, contextualizada no momento da produção.

Nas próximas seções, damos sequência ao trabalho com a revisão da literatura, apresentamos alguns pressupostos teóricos básicos da Linguística Funcional Centrada

no Uso (doravante LFCU), abordamos a metodologia aplicada ao trabalho e prestamos informações quanto à constituição do *corpus* em que se verificaram as ocorrências do *aliás*.

Em seguida, apresentamos os resultados da análise acerca das instanciações do *aliás*, conforme graus de escolaridade, valores semânticos e sintáticos observados nos diversos discursos, sua frequência e posição nos textos. Por último, seguimos com as considerações finais.

No dado (1), observamos que o *aliás* não retifica o discurso. Nesse caso, sua classificação como operador argumentativo é mais assertiva, se admitirmos que, nessa instância de uso, o *aliás* adiciona um julgamento, um juízo de valor do informante sobre o fato a ser narrado.

Impõe-se, portanto, a necessidade de análises e descrições que ultrapassem o que tradicionalmente é feito. No âmbito da semântica e da sintaxe, é necessário ir além dos limites oracionais e dos próprios itens, considerando-se os componentes discursivo-pragmáticos: a língua em seu uso efetivo, entre sujeitos interagentes, desempenhando seu papel comunicativo, contextualizada no momento da produção.

Nas próximas seções, damos sequência ao trabalho com a revisão da literatura, apresentamos alguns pressupostos teóricos básicos da Linguística Funcional Centrada no Uso (doravante LFCU), abordamos a metodologia aplicada ao trabalho e prestamos informações quanto à constituição do *corpus* em que se verificaram as ocorrências do *aliás*.

Em seguida, apresentamos os resultados da análise acerca das instanciações do *aliás*, conforme graus de escolaridade, valores semânticos e sintáticos observados nos diversos discursos, sua frequência e posição nos textos. Por último, seguimos com as considerações finais.

O *aliás* e suas relações com os advérbios e as conjunções

O *aliás* apresenta variadas nuances e definições. Aurélio (2007, p. 110) classifica o verbete como advérbio:

“a.li.ás *adv.* **1.** De outra maneira; do contrário; **2.** Além disso; além do mais. **3.** Diga-se de passagem; **4.** Ou por outra; ou seja”.

Bechara (2009, p. 288) classifica esse item como advérbio, admitindo, contudo, que, “como bem diz Mattoso Câmara, perturba a descrição e a demarcação classificatória ‘a extrema mobilidade semântica e funcional que caracteriza os advérbios’”. O mesmo autor também observa que:

A Nomenclatura Gramatical Brasileira põe os denotadores de inclusão, exclusão, situação, retificação, designação, realce, etc. à parte, sem a rigor incluí-los entre os advérbios, mas constituindo uma classe ou grupo heterogêneo chamado denotadores, [...] muitas das quais têm papel transfrástico e melhor atendem a fatores de função textual estranhos às relações semântico-sintáticas inerentes às orações em que se acham inseridas: [...]

4 – retificação: aliás, melhor, isto é, ou antes, etc.(BECHARA, 2009, p. 291)

Algumas expressões, dentre elas o *aliás*, são consideradas pela Tradição conforme a função textual que assumem. Não estabelecem, exatamente, uma função sintática e/ou semântica entre as orações em que se inserem, mas viabilizam, contudo, o sentido no discurso em que estão inseridas.

Cunha e Cintra (1985, p. 540-541) salientam que

certas palavras, por vezes enquadradas impropriamente entre os advérbios, passam a ter, com a Nomenclatura Gramatical Brasileira, classificação à parte, mas sem nome especial. São palavras que denotam, por exemplo:

e) RETIFICAÇÃO: aliás, ou antes, isto é, ou melhor, etc.

Dessa forma, segundo a NGB, o *aliás* se restringiria a uma palavra denotadora de retificação, por exemplo, desconsiderando suas facetas a propósito dos contextos em que se instancia.

O *aliás* também é classificado como um operador argumentativo. Segundo Koch (2015, p. 34), sobre os operadores argumentativos que somam a favor de uma mesma conclusão,

existe mais um operador que também introduz um argumento adicional a um conjunto de argumentos já enunciados, [...]: ele é apresentado como se fosse desnecessário, [...], quando, na verdade, é por meio dele que se introduz um argumento decisivo, [...], resumindo ou coroadando todos os demais argumentos. Trata-se do operador *aliás*.
f. João é o melhor candidato. *Além de* ter boa formação em Economia, tem experiência no cargo e não se envolve em negociatas. *Aliás*, é o único candidato que tem bons antecedentes.

Com base nas informações até aqui expostas, podemos, inicialmente, concluir que o *aliás*, a depender do autor, é classificado como a) advérbio; b) palavra denotadora de retificação; c) operador argumentativo, introdutor de argumento adicional.

Assim, cabe aprofundarmos um pouco mais os traços principais das categorias *advérbio* e *conjunção*, tendo em vista que elas podem desempenhar, também, a função de operador argumentativo. Buscaremos, assim, responder a que grupo o *aliás* seria mais bem enquadrado.

Nos quadros a seguir, elencamos algumas definições sobre advérbios (Quadro 1) e conjunções (Quadro 2), conforme a visão de alguns autores consagrados no Brasil.

Quadro 1: Definições de advérbio

Obra	Definição
Cunha e Cintra (1985)	1. O advérbio é, fundamentalmente, um modificador do verbo; 2. A essa função básica, geral, certos advérbios acrescentam outras que lhes são privativas. Assim, os chamados advérbios de intensidade e formas semanticamente correlatas podem reforçar o sentido: a) de um adjetivo... b) de um advérbio... 3. salienta-se ainda que alguns advérbios aparecem, não raro, modificando toda a oração... (CUNHA e CINTRA, 1985, p. 529-530)
Bechara (2009)	É a expressão que por si só denota uma circunstância (de lugar, de tempo, modo, intensidade, condição, etc.) e desempenha na oração a função de adjunto adverbial. O <i>advérbio</i> é constituído por palavra de natureza nominal ou pronominal e se refere geralmente ao verbo, ou ainda, dentro de um grupo nominal unitário, a um adjetivo e a um advérbio (como intensificador), ou a uma declaração inteira... Fundamentalmente, distribuem-se os advérbios em assinalar a posição temporal... ou espacial do falante..., ou ainda o modo pelo qual se visualiza o “estado de coisas” designado na oração. (BEACHARA, 2009, p. 287-288)
Azeredo (2014)	“O advérbio é a mais heterogênea das classes de palavras. [...]Suas características típicas, além da invariabilidade formal, são a função modificadora e a mobilidade posicional [...]. Existem várias subclasses semânticas e sintáticas de advérbio.[...]Exprimem basicamente posições temporais...; exprimem basicamente posições espaciais... São menos numerosas as subclasses dos advérbios de intensidade...; de adição/inclusão; de focalização...; de negação.” (AZEREDO, 2014, p. 192-193)

Com base nas definições de advérbios, elencamos as seguintes propriedades: 1) é, fundamentalmente, uma classe modificadora do verbo, podendo reforçar o sentido de um adjetivo ou mesmo de outro advérbio; 2) denota circunstâncias: lugar, tempo, modo, intensidade, condição etc., desempenhando, na oração, papel de adjunto adverbial, assinalando a posição temporal ou espacial do falante e o modo como o “estado de coisas” se apresentam nas orações; 3) função modificadora, invariabilidade formal e

mobilidade posicional. Possui várias subclasses. Azeredo (2014, p. 93) faz referência às subclasses de adição/inclusão e de focalização.

No *corpus* analisado, o *aliás* não se instanciou com a função fundamentalmente modificadora de verbos diferindo, inicialmente, dos advérbios. A respeito de sua mobilidade no discurso, verificamos que o mesmo se instancia em posições inicial, intermediária e final, aproximando-se, dessa forma, da classe dos advérbios, por sua mobilidade.

Quanto à menção de Azeredo (2014, p. 93) sobre as subclasses de advérbios (adição/inclusão), verificamos que o *aliás* também se assemelha a essa classe, ao denotar inclusão, conforme o dado (1), já citado, em que o informante inclui um julgamento, uma opinião sobre a sua narrativa. Nessa instância, o *aliás* tem valor de inclusão (advérbio), funcionando, contudo, como operador argumentativo, conforme Koch (2015).

A fim de detectar as possíveis classificações do *aliás*, apresentamos o Quadro 2 com as definições de *conjunção*, buscando estabelecer os pontos convergentes e/ou divergentes entre essa categoria gramatical e o *aliás*.

Quadro 2: Definições de conjunção

Autor	Definição
Cunha e Cintra (1985)	1. “[...] vocábulos gramaticais que servem para relacionar duas orações ou dois termos semelhantes da mesma oração. As conjunções que relacionam termos ou orações de idêntica função gramatical têm o nome de coordenativas. Denominam-se subordinativas as conjunções que ligam duas orações, uma das quais determina ou completa o sentido da outra. [...]” (CUNHA e CINTRA, 1985, p.529-530)
Bechara (2009)	“Conector e transpositor – [...] têm por missão reunir orações num mesmo enunciado. Estas unidades são tradicionalmente chamadas conjunções, que se repartem em dois tipos: <i>coordenadas</i> e <i>subordinadas</i> . [...] coordenadas reúnem orações que pertencem ao mesmo nível sintático: dizem-se <i>independentes</i> umas das outras e, por isso mesmo, podem aparecer em enunciados separados. Daí ser a conjunção coordenativa um <i>conector</i> . [...] podem também “conectar” duas unidades menores que a oração, desde que do mesmo valor funcional dentro de mesmo enunciado. [...]” [...] No enunciado <i>Soubemos que vai chover</i> , a missão da conjunção subordinada é assinalar que a oração que poderia ser sozinha um enunciado (<i>vai chover</i>) se insere num enunciado complexo em que ela (<i>vai chover</i>) perde a característica de enunciado independente, de oração, para exercer, num nível inferior da estruturação gramatical, a função de palavra... é um <i>transpositor</i> de um enunciado que passa a uma função de palavra”.(BECHARA, 2009, p. 287-288)
Azeredo (2014)	“Chama-se conjunção subordinativa a <i>palavra invariável que, anteposta a uma oração com verbo flexionado em tempo, forma com ela um sintagma derivado</i> . Chama-se conjunção coordenativa a <i>espécie de palavra gramatical que une duas ou mais unidades (palavras, sintagmas ou orações) da mesma</i>

Conforme as definições apresentadas, essas palavras gramaticais podem 1) relacionar termos ou orações de mesma função; 2) ligar duas orações em que uma delas completará o sentido da outra. Bechara (2009) acrescenta os termos “conector” e “transpositor”, diferenciando as conjunções coordenativas das subordinativas, respectivamente.

A pesquisa bibliográfica atesta a difícil classificação do *aliás*, considerando a sua flutuação categorial. Podemos, *a priori*, classificar o *aliás* como a) advérbio de adição/inclusão, na função de operador argumentativo; b) conjunção aditiva, com a função de retificação, entre formas aditivas correlatas (*mas/também*), conforme o dado (2), abaixo,

(2) I: ... os apólitos... os:... os irmãos do Santíssimo... enfim... os que tem uma participação também... não passiva... mas/ **aliás**... também pa... eh... passiva... mas... ativa também... (Descrição, oral, D&G JF, 8ª. série/EF),

em que o *aliás*, entre as formas aditivas correlatas (*mas/também*), retifica uma informação dada, relacionando dois elementos de mesmo valor funcional: os adjetivos “passiva” e “ativa”, que se referem aos tipos de “participação”.

A LFCU e os contextos de uso

A LFCU concebe a linguagem como meio de interação social, entre falantes e ouvintes reais, e não ideais, conforme postulam as abordagens formalistas. A abordagem funcionalista “se preocupa em estudar a relação entre a estrutura gramatical das línguas e os diferentes contextos comunicativos em que elas são usadas” (CUNHA, 2013, p.157), buscando na situação comunicativa a motivação para a realização da língua.

Essa abordagem teórica defende a ideia de que a língua não é autônoma, tampouco independente de fatores socioculturais. Ao se pensar em estudos linguísticos, fatores extralinguísticos devem ser considerados como motivadores de construções e usos.

Ao lado da sintaxe e da semântica, as circunstâncias pragmáticas são consideradas bastante relevantes pela abordagem funcionalista. É nesse nível de

investigação que se buscam os contextos e os propósitos comunicativos dos interlocutores, no uso concreto da língua, caracterizado pela interação e pelas questões sociais. Conforme Givón (2012, p. 49):

Quando dados reais de discurso são levados em consideração [...] torna-se óbvio que os fenômenos não categóricos são a regra, e não a exceção, na linguagem humana. [...]. Se a língua é um instrumento de comunicação, então é bizarro tentar entender sua estrutura sem referência ao contexto comunicativo e à função comunicativa.

O objeto de estudo, nas situações reais de interação, é o ponto de partida para se percorrer os caminhos que levarão à construção dos modelos teóricos, o que, mais uma vez, reforça a ideia da importância da contextualização do item linguístico.

No que concerne aos diversos níveis de investigação da língua, no ato do processo comunicativo, as abordagens funcionalista e cognitivista se assemelham, conforme assevera Cunha (2012, p. 29):

Essas duas correntes compartilham vários pressupostos teórico-metodológicos, como a rejeição à autonomia da sintaxe, a incorporação da semântica e da pragmática às análises, a não distinção estrita entre léxico e sintaxe, a relação estreita entre a estrutura das línguas e o uso que os falantes fazem delas nos contextos reais de comunicação.

Ou seja, os contextos em que se dá o uso da língua, nas situações reais de comunicação e a importância do exame das estruturas não só sintáticas ou semânticas, mas também discursivo-pragmáticas, fazem-se necessários para uma autêntica investigação no campo da linguagem.

Metodologia e constituição do *corpus*

Optamos por utilizar dados do *corpus* D&G, disponível em <http://www.discursoegramatica.letas.ufrj.br/>, correspondentes a amostras da língua falada e escrita de informantes de cinco cidades brasileiras: Rio de Janeiro, Natal, Rio Grande do Norte, Juiz de Fora e Niterói.

Os textos que compõem o *corpus* são: descrição de local, narrativa de experiência pessoal, narrativa recontada, relato de opinião, relato de procedimento e os relatos dos entrevistadores acerca das entrevistas realizadas com os informantes.

Cada participante (informante) produziu cinco textos na modalidade oral e cinco na modalidade escrita, o que totaliza dez textos produzidos por cada um, resultando um número de 1.710 textos (orais e escritos).

Nesta pesquisa, a escolha do *corpus* tem por objetivo proporcionar uma reflexão sobre as ocorrências do *aliás* nos contextos de uso em que se insere, em discursos menos monitorados, e sobre a assunção das variadas funções e valores semânticos dessa partícula.

Consideramos as posições do *aliás*, sua frequência de uso nos textos pesquisados e o grau de escolaridade dos usuários que recrutaram essa partícula, a fim de entender em quais ambientes semântico-pragmáticos se insere. Os dados pesquisados são tratados qualitativa e quantitativamente.

Análise da partícula *aliás*

Realizamos o levantamento de 27 ocorrências do *aliás* nos 1.710 textos disponíveis na oralidade e na escrita. Esse resultado demonstra a baixa frequência de uso dessa partícula em relação ao número de textos observados, correspondendo a 1,58% do total.

Por hipótese, admitimos que a baixa frequência do *aliás* está relacionada ao *corpus* escolhido e aos textos que o compõem, assim como aos graus de escolaridade dos usuários. Consideramos, *a priori*, que o *aliás* pode ser mais recrutado em textos mais canônicos, por indivíduos com graus de instrução mais elevados.

Os graus de escolaridade e o recrutamento do *aliás*

Atestamos a frequência de uso do *aliás*, na oralidade e na escrita, entre os níveis médio, superior, 8ª. série do ensino fundamental (EF) e CA/supletivo, conforme Tabela 1.

Tabela 1: *Corpus* D&G – Graus de escolaridade e frequência de uso do *aliás* nas modalidades oral e escrita

Graus de escolaridade	Frequência	
	Oralidade	Escrita
ENSINO MÉDIO	8	-
ENSINO SUPERIOR	6	7
8ª. SÉRIE ENS. FUND.	4	1
CA (SUPLETIVO)	1	-

Totais	19	08
---------------	-----------	-----------

O dado (3), a seguir, exemplifica o uso do *aliás* utilizado por um falante do ensino superior, que é o grau de escolaridade que mais propiciou o uso dessa partícula:

(3) E: ... ele tem quinze anos... e é residente no município de bairro/ eh... no bairro de Fátima... **aliás**... Afonso... vamo começar nossa entrevista? (Relato de opinião, oral, D&G Niterói, ensino superior/entrevistador)

A maior frequência de uso do *aliás* no ensino superior talvez se justifique pelo fato de esse grupo dispor de mais ferramentas, de ter mais experiência e desenvoltura no uso da língua em relação aos demais grupos.

Os valores semânticos e sintáticos do *aliás*

Nos registros de textos analisados, observamos que o valor semântico de maior frequência o foi de retificação e a função mais recrutada foi a de palavra denotadora de retificação, conforme Tabelas 2 e 3 a seguir:

Tabela 2: *Corpus D&G – Valores semânticos do aliás na oralidade e na escrita*

Oralidade		Escrita	
Valores semânticos	Frequência	Valores semânticos	Frequência
Retificação integral	10	Adição	6
Adição	4	Retificação integral	1
Retificação parcial ¹	3	Retificação parcial	1
Reformulação	2	Reformulação	-
Total	19	Total	8

Tabela 3: *Corpus D&G – Valores sintáticos do aliás na oralidade e na escrita*

Oralidade		Escrita	
Valores sintáticos	Frequência	Valores sintáticos	Frequência
Palavra denotadora de retificação integral	9	Operador argumentativo	6
Operador argumentativo	4	Palavra denotadora de retificação integral	1
Palavra denotadora de retificação parcial	3	Palavra denotadora de retificação parcial	1
Conector reformulativo	2	Conector aditivo	-
Conector aditivo	1	Conector reformulativo	-
Total	19		8

¹ Oliveira (2001): “(...) o elemento se aproxima da verdade. Trata-se de uma assertiva falsa, mas intuída como quase verdadeira...”

Nos dados (4), (5), (6), (7) e (8), ilustramos as ocorrências dos valores semânticos e sintáticos encontrados nas modalidades oral e escrita:

(4) E: ...quais são os passos assim você... pega o desenho...

I: a gente pega o fotografia ...

E: a fotografia **aliás** ... (Relato de procedimento, oral, D&G Natal, ensino superior)

(5) A Nayla, a amiga que me tinha trazido, foi cedo. **Aliás** foi justamente na hora que o Arides ia pedir pra ficar com ela. A festa estava indo muito bem até que uma hora eu fui ao banheiro... (Narrativa de experiência pessoal, escrita, D&G JF, 8ª. série/EF)

(6) O Brasil não acredita em si mesmo. Seus políticos espelham uma situação de decadência em relação ao respeito e honestidade além de tantos outros princípios que são difíceis de serem encontrados nesta classe que hoje representa os “direitos” do povo. Agora estamos na hora do plebiscito que mais parece um pano de fundo, **aliás**, uma cortina de teatro que fica cobrindo os bastidores, onde rolam as baixarias. (Relato de opinião, escrita, D&G RJ 1, ensino superior)

(7) I: ...então veja só ... se:: é:: se sessenta por cento das escolas públicas ... é:: é:: das escolas públicas ... **aliás** ... se ... se tem sessenta por cento de escolas públicas de um global de cem por cento ... sessenta por cento dessas pessoas vão da escola pública para a universidade enquanto quarenta por cento ... (Relato de opinião, oral, D&G Natal, ensino médio)

(8) I: ...não os minis... os ministros da eucaristia... mas os ministros também... os apólitos... os::... os irmãos do Santíssimo... enfim... os que tem uma participação também... não passiva... mas/ **aliás**... também pa... eh... passiva... mas... ativa também... tem um tablado... (Descrição, oral, D&G JF, 8ª. série/EF)

No dado (4), o entrevistador corrige-se, retificando parte de sua declaração anterior (“pega o desenho”, passando a “a fotografia”). A retificação é integral e é realizada pelo uso do *aliás*. Nesse contexto de uso, o *aliás* tem a função de palavra denotadora de retificação integral.

Em (5), o *aliás*, na função de operador argumentativo, adiciona uma informação que para o informante parece ser importante, complementando o discurso anterior. Não basta apenas a informação de que a amiga saiu mais cedo. Para dar ênfase, a informante inclui um argumento que enfatiza quão cedo a amiga foi embora, tanto que não houve tempo de o amigo pedir para ficar com ela.

Em (6), o *aliás* retifica o discurso anterior, de modo a ilustrar, com mais exatidão, a imagem pretendida de “plebiscito” defendida pelo informante. Nesse discurso, o *aliás* assume a função de operador argumentativo, utilizado para retificar

parcialmente a expressão antes utilizada “pano de fundo”, tendo em vista que ambos os argumentos “pano de fundo” e “cortina de teatro” constituem características pejorativas. Porém, “cortina de teatro” parece ser mais coerente com a opinião do informante: o que ocorre nos “bastidores” esconde-se atrás das cortinas. Nesse contexto, portanto, o *aliás* é utilizado como operador argumentativo na função de retificação parcial.

Em (7), o *aliás* reformula o discurso anterior, introduzindo, ao lado do conector “se”, a reformulação do discurso, visando a uma condição/hipótese para uma possível conclusão. Nesse caso, o *aliás* tem a função de conector reformulativo, ao lado do “se” - condicional. Note-se que no texto anterior ao *aliás*, o informante já menciona uma hipótese, contudo, ele reelabora o discurso, de modo a orientar o interlocutor sobre o seu raciocínio, sobre sua opinião a respeito do tema abordado em seu relato.

Em (8), o *aliás*, entre as formas aditivas correlatas (*mas/também*), retifica uma informação dada, relacionando dois elementos de mesmo valor funcional - característica comum às conjunções: os adjetivos “passiva” e “ativa”, que se referem aos tipos de “participação”. Nesse contexto de uso, o *aliás*, além de relacionar termos, também assume a função de retificação, entre formas aditivas correlatas (*mas/também*). Portanto, defendemos seu papel de conector aditivo, em um ambiente de retificação.

O *aliás* nos diferentes textos

O recrutamento do *aliás* nos textos constituintes do *corpus* pesquisado, nas modalidades oral e escrita, deu-se conforme demonstrado na Tabela 4, a seguir:

Tabela 4: *Corpus* D&G – Frequência de uso do *aliás* nos textos orais e escritos

Gêneros textuais	Totais
Relato de procedimento	07
Relato de opinião	05
Narrativa recontada	05
Descrição de local	04
Narrativa de experiência pessoal	04
Relato dos entrevistadores	02
Total	27

Por meio dos números acima, constatamos que, no relato de procedimento, o *aliás* instanciou-se com maior frequência (7 ocorrências) em relação aos demais. Ressaltamos que, nesse tipo de relato, o *aliás* foi mais recrutado entre os usuários de nível superior de escolaridade (4 ocorrências). Esse resultado corrobora com a hipótese

de que o *aliás* é mais utilizado por indivíduos com maior grau de escolaridade e, possivelmente, em textos mais elaborados.

Destacamos, também, que o valor semântico do *aliás* mais utilizado nos relatos de procedimento foi o de retificação (parcial e integral). Dos sete relatos de procedimento, em cinco o *aliás* foi recrutado para retificar parcialmente ou integralmente os discursos.

Com os resultados até aqui apresentados, podemos concluir, inicialmente, que o contexto motivador dos usos do *aliás*, no *corpus* em questão, apresenta as seguintes características: (1) maior ocorrência em relatos de procedimentos, (2) valor semântico de retificação, (3) assumindo, portanto, a função primária de palavra denotadora de retificação e (4) mais recrutado entre usuários de nível superior de escolaridade.

Posições do *aliás* nos textos

Nos textos analisados (orais e escritos), conforme elencado na Tabela 5, o *aliás* foi recrutado nas posições inicial, intermediária e final. Além disso, coocorreu ao lado de conectores, de formas correlatas e de advérbios.

Tabela 5: *Corpus D&G – Posição de aliás na oralidade e na escrita*

Oralidade		Escrita	
Localização	Frequência	Localização	Frequência
Posição intermediária	15	Posição intermediária	05
Posição final	04	Posição inicial	03
Posição inicial	-	Posição final	-
Total	19	Total	08

Para exemplificação, os dados (9), (10), (11) e (12), a seguir, ilustram as instanciações do *aliás* nas posições inicial, intermediária, intermediária (ao lado de outros elementos linguísticos circunscritos) e final, respectivamente:

(9) Ele tem armário embutido com quatro portas e fica logo em frente a porta. **Aliás**, ele fica de lado para a porta. De cor bege claro, imitando madeira, ele combina com o chão que é de formipiso, imitando madeira porém um pouco mais escuro. (Descrição de local, escrita, D&G RJ 1, ensino superior)

(10) I: bom... no sábado passado... **aliás**... sábado retrasado... eu fui... botar um... um... um som numa festa no shopping... e lá... tudo... encontrei com meus amigos e tal... (Narrativa de experiência pessoal, oral, D&G RJ 2, 8ª. série/EF)

(11) ...Não tive dificuldades de encontrar o lugar onde trabalharia, **aliás não** perguntei a ninguém. Dirigi-me como um teleguiado ao local onde iria permanecer... (Narrativa de experiência pessoal, escrita, D&G Natal, ensino superior)

(12) E: é? na semana passada... esse an/ nesse ano? **aliás**... (Narrativa de experiência pessoal, oral, D&G Niterói, ensino superior)

Considerando a espontaneidade dos textos pesquisados, os gêneros textuais e a modalidade oral (em que houve maior recrutamento do *aliás*), podemos admitir, inicialmente, que o recrutamento em posição inicial é diminuta, devido à dinamicidade dos textos, sem pausas maiores. Portanto, o encaixamento do *aliás* em posição intermediária, a mais recrutada, favorece o dinamismo próprio de textos mais espontâneos.

Também de forma preliminar, levantamos a hipótese de que, em discursos mais espontâneos, o *aliás* é utilizado de forma mais livre, sem a preocupação de organizar o seu uso na estrutura do discurso. Dessa forma, sua ocorrência em posição intermediária e final se dá conforme o decorrer da elocução e não conforme uma organização estrutural pré-estabelecida.

Considerações finais

Durante a realização desse estudo, foi notável o baixo número de ocorrências do *aliás*, considerando o número de textos no *corpus* analisado. Em um universo de 1.710 textos, apenas 27 instanciaram esse item linguístico.

Quanto ao grau de escolaridade dos falantes, observamos que o recrutamento do *aliás* foi mais frequente entre os usuários de nível superior. Das 27 ocorrências, 13 pertencem aos usuários com esse grau de escolaridade. Esse resultado pode indicar um maior recrutamento do *aliás* em textos mais canônicos.

Concluimos que o *aliás* pode assumir variadas funções e valores semânticos nos textos. No *corpus* pesquisado, observamos sua atuação como advérbio, conector, palavra denotadora de retificação e operador argumentativo. O valor semântico mais utilizado foi o de retificação, conforme postulado por Cunha e Cintra (1985, p. 540-541).

No entanto, há de se resguardar as demais possibilidades classificatórias dessa partícula, tendo em vista que o estudo ora proposto limita-se a textos mais espontâneos, menos monitorados. Acerca dos demais contextos motivadores para o recrutamento do *aliás*, constatamos que em relatos de procedimentos, essa partícula teve maior recrutamento entre os usuários.

Verificamos uma maior tendência de uso do *aliás* em posição intermediária. Contudo, reforçamos a importância de se considerar as demais localizações dessa partícula, ainda que em menor número, tendo em vista suas possíveis classificações, considerando sua mobilidade.

Buscamos com esse estudo mostrar as várias significações e classificações que uma mesma forma pode assumir, atentando para as motivações de uso nos contextos em que esteja inserida, a despeito da rigidez categorial expressa, normalmente, pela gramática normativa.

Os itens linguísticos assumem suas funções e significados no ato do discurso, no momento em que os interlocutores interagem e firmam seus objetivos e intenções, através de suas escolhas.

REFERÊNCIAS

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2014.

BECHARA, Evanildo. *Minidicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CEZARIO, Maria Maura; CUNHA, Maria Angélica Furtado. *Linguística centrada no uso*. Rio de Janeiro: Mauad x FAPERJ, 2013.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da. A linguística centrada no uso (ou linguística cognitivo-funcional). In: [Organizado por] Medianeira Souza [et al.]. *Sintaxe em foco*. Recife: PPGL/UFPE, 2012. 447 p.: il. (Coleção e Letras).

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa*. 6ª. ed., Curitiba: Publifolha, 2007.

GIVÓN, Talmy. *A compreensão da gramática*. Tradução: Maria Angélica Furtado da Cunha, Mário Eduardo Martelotta, Filipe Albani. São Paulo: Cortez; Natal, RN: EDUFRN, 2012.

Grupo D&G. Disponível em: [<http://www.discursoeagramatica.letas.ufrj.br/>]. Acesso em: 10 de abril de 2016.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 2015.

OLIVEIRA, Heleno Fonseca de. Os conectores reformulativos. *Scripta*, Belo Horizonte, v.5, n.9, p. 229-233, 2º sem. 2001.